

# dmad

**REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA**



da mihi animas

2012

Anno LIX Mensile  
n. 34 Marzo/Aprile

Posta Italiana SpA  
Spedizione in Abbonamento Postale  
D.L. 353/2003  
(conv. in L. 27/02/2004 n° 40)  
art. 1, comma 2 - DCB Roma

**JOVENS,**

**A NOSSA VIDA**



# dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora  
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma

tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06  
e-mail: dmariv2@cgfma.org

## **Diretora responsável**

Mariagrazia Curti

## **Redação**

Giuseppina Teruggi  
Anna Rita Cristaino

## **Colaboradoras**

Tonny Aldana • Julia Arciniegas  
Patrizia Bertagnini • Mara Borsi  
Piera Cavaglià • Maria Antonia Chinello  
Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein  
Maria Pia Giudici • Palma Lionetti  
Anna Mariani • Adriana Nepi  
• Maria Perentaler  
Loli Ruiz Perez • Paola Pignatelli  
Debbie Ponsaran • Maria Rossi  
Bernadette Sangma • Martha Séide

## **Tradutoras**

*francês* • Anne Marie Baud  
*japonês* • inspetoria japonesa  
*inglês* • Louise Passero  
*polonês* • Janina Stankiewicz  
*português* • Maria Aparecida Nunes  
*espanhol* • Amparo Contreras Alvarez  
*alemão* • inspetorias austríaca e alemã

## **EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL**

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice – Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma – c.c.p. 47272000  
Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96  
Filial de Roma

## **n. 3/4 março-abril de 2012**

Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide 11 00181 Roma  
**USPI** – Unione Stampa Periodica Italiana

## **Edição em Português**

# SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b>	<b><i>Basta que sejais jovens</i></b> <i>Giuseppina Teruggi</i>	<b>4</b>
<b>DOSSIÊ</b>	<b><i>Jovens, missão da nossa vida</i></b>	<b>5</b>
<i>Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos</i>		
<b>ENCONTROS</b>	<b><i>Dom Bosco e Madre Mazzarello na fundação das FMA</i></b>	<b>09</b>
<b>COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO</b>	<b><i>Nem um a menos - Onlus</i></b>	<b>11</b>
<b>CONSTRUIR A PAZ</b>	<b><i>Um mundo de justiça</i></b>	<b>12</b>
<b>FIO DE ARIADNE</b>	<b><i>Espontaneidade e autenticidade</i></b>	<b>14</b>
<i>Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos</i>		
<b>CULTURAS</b>	<b><i>Acredito no sistema preventivo porque...</i></b>	<b>18</b>
<b>PASTORALMENTE</b>	<b><i>Oratório: um ambiente ao serviço dos jovens</i></b>	<b>19</b>
<b>MULHERES NO CONTEXTO</b>	<b><i>Jovem e mulher</i></b>	<b>21</b>
<b>MOSAICO</b>	<b><i>Efeito dominó da crise</i></b>	<b>22</b>
<i>Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia</i>		
<b>COMUNICAÇÃO E VERDADE</b>	<b><i>Para além das aparências</i></b>	<b>23</b>
<b>A MIM AS CONFIAS</b>	<b><i>Se é este o caminho de sua felicidade...</i></b>	<b>25</b>
<b>VÍDEO</b>	<b><i>O conselho da aldeia</i></b>	<b>26</b>
<b>ESTANTE</b>	<b><i>Comentários de vídeos e livros</i></b>	<b>28</b>
<b>LIVRO</b>	<b><i>De mãos dadas no escuro</i></b>	<b>30</b>
<b>140 ANOS DE HISTÓRIA</b>		<b>32</b>

**EDITORIAL**

## Basta que sejais jovens...

*Giuseppina Teruggi*

Nós temos uma especial predileção pelos jovens: a eles dedicamos recursos, energias, nossa própria vida. Desde os primeiros anos de formação confrontamo-nos com Dom Bosco e Maria Mazzarello que haviam feito dos jovens a sua missão. Fomos tão contagiadas pela sua paixão educativa que isto supera o nosso entendimento e muitas vezes nos preocupa. Aprendemos que basta que sejam jovens para amá-los, cuidar deles, considerá-los como precioso recurso para a sociedade, para a Igreja. "Com vocês eu me sinto bem", afirmava Dom Bosco. "A ti as confio" havia recebido a palavra de ordem Maria Domingas em Borgolto.

Este tempo não é fácil para as jovens gerações do mundo inteiro. De modo diferente do passado. Na era das novas tecnologias digitais, das descobertas que não cessam, os jovens encontram-se diante de uma quantidade relevante de oportunidades. Frequentemente ficam desorientados ao lado de modelos desprovidos de valor, de ideais. A estes jovens queremos dizer com nossa vida, com nossa presença, com um amor que se torna visível, que estamos ao lado deles, que nos preocupamos com o seu presente e o seu futuro, com os desejos e as dificuldades que enfrentam.

É fácil colher na conversa das pessoas frases pesadas a respeito dos jovens.

"A juventude de hoje cresceu mal, não tem nenhum respeito pelos idosos". "Não vejo nenhuma esperança para o futuro do nosso país se for a juventude de hoje que governará amanhã". "Os jovens são mal-educados e preguiçosos. Os jovens de hoje jamais serão capazes de preservar a nossa cultura". Não são frases ouvidas talvez na última viagem de ônibus, mas sim inscrições que remontam afirmações de Sócrates (470 a.C.), Esíodo (720 a. C.), de cidadãos da antiga Babilônia (2500 a. C.).

Considerar os jovens um 'problema' é frequentemente um chavão. Sabemos que o mal-estar deles está ligado ao mal-estar dos adultos. Por isso falamos de 'emergência educativa'. A nós, educadoras, educadores, é solicitado dar o primeiro passo, mesmo quando nos dão as costas, são indiferentes ou nos provocam.

Os jovens: a nossa missão. Nós os olhamos com esperança, nós os procuramos, empenhamo-nos para conhecer sua experiência de vida mesmo se muitas vezes indecifrável. Porque este é o caminho evangélico. O *carisma* que recebemos como um dom.

*gteruggi@cgfma.org*

# Jovens, missão da nossa vida

*Emilia Di Massimo, Maria Antonia Chinello*

**O desejo que temos de ser autênticos e fiéis encontra o seu significado mais profundo no empenho de responder à vocação recebida: pertencer a Deus pelo bem dos jovens. Um único, inseparável chamado!**

“Voltar a Dom Bosco. Voltar às fontes da nossa espiritualidade”. Muitas vezes, ouvindo tais sugestões, perguntamo-nos se não aponta crise no horizonte.

Realmente, o empenho de voltar às origens exprime a firme convicção de que nelas e, sobretudo no dom do carisma, está contido o segredo que ainda hoje é profecia para o presente e para o futuro. Assim percebemos que o convite a voltar aos nossos Fundadores é uma escolha autêntica e fiel.

Os jovens são a nossa missão, a nossa pátria. Foi entre os meninos que Dom Bosco elaborou o seu estilo de vida, o seu patrimônio pastoral e pedagógico, o seu sistema, a sua espiritualidade. Quando Dom Bosco não estava com eles? Estava, talvez, tanto quanto constantemente em comunhão com Deus. «Eu me sinto bem com vocês!», costumava afirmar, e os jovens eram o seu constante pensamento, não importava se estavam «perto ou longe», o que contava era que em toda parte onde estivessem, tivessem clara a sua razão de ser.

A missão salesiana é “predileção” pelos jovens. Isso é verdade, mas é também verdade que, hoje, sentimos o esforço para seguir o seu ritmo, para captar e compreender suas linguagens e seus modos de expressar-se, para amar o seu mundo. Mas entendemos também que, exatamente porque os amamos não desertamos de nossa missão juvenil. Somos convictas de que o nosso coração bate lá onde bate o deles.

Sobretudo hoje, em uma sociedade cada vez mais desorientada em várias frentes, percebemos a urgência de ter um conhecimento existencial dos jovens para descobrir suas necessidades e encontrar os novos caminhos de uma pastoral adequada aos tempos.

Talvez não baste atualizar-nos, ocorre aprofundar a pedagogia salesiana para entrar em sintonia com os jovens.

É necessário estudar e dar vida a um “inédito” sistema preventivo, para tornar a ouvir um eco querido para nós: «A ti as confio!». Se Main, desde os seus verdes anos, cultiva no coração o ardente desejo de doar-se aos outros, é porque uma voz misteriosa marcou sua vida.

Seja assim também para nós, um chamado incessante que nos renove, na maioria das vezes, talvez, apenas mediante o olhar silencioso dos nossos jovens no qual lemos perguntas, sonhos, desilusões, esperanças, dores. “Borgoalto” está em cada lugar onde estamos e onde o “colocamos no centro”, com o empenho de nos fazer amadas e de fazer sentir que amamos, em vista de uma felicidade que dure no tempo e na eternidade.

O Reitor-Mor, na Estreia 2012, escreve: «A importância histórica de Dom Bosco deve ser pesquisada não só nas suas “obras” e em alguns elementos pedagógicos relativamente originais, mas particularmente na sua percepção concreta e afetiva, da importância universal, teológica e social do *problema da juventude “abandonada”*, e na sua grande capacidade de transmitir essa percepção a numerosos grupos de colaboradores, benfeitores e admiradores».

É urgente, portanto, estudar. Não podemos apenas amar e nos sentir “orgulhosos” deles, temos de ser hoje Dom Bosco e Madre Mazzarello.

«Ser fiéis a Dom Bosco e à sua missão – continua Dom Chávez – significa cultivar em nós um amor constante e forte pelos jovens, especialmente os mais pobres. Este amor nos leva a dar uma resposta às suas necessidades mais urgentes e profundas». A partir daqui, o empenho sério,

alegre e decidido de cada um de nós para se tornar capaz de escuta, de amor gratuito, livre e maduro.

Sentimos no coração o desejo de ser e de viver assim, mas com frequência a experiência de vida dos nossos jovens parece estar muito distante do que quereríamos transmitir-lhes. Ainda, mesmo se empenhativo, é a partir do seu mundo, que podemos oferecer aos jovens o verdadeiro significado da existência. Mas... é muito fácil falar!

Sabemos quanto seja acidentado e frequentemente indecifrável o seu universo... Nem sempre sabemos defini-lo: as mudanças são muito aceleradas e parecem fugir à nossa compreensão. João Paulo II já escrevia: «A situação juvenil no mundo de hoje mudou muito e apresenta condições e aspectos multiformes, como bem sabem os educadores e os pastores. Além disso, ainda hoje permanecem aquelas mesmas perguntas que Dom Bosco se fazia no começo do seu ministério, desejoso de compreender e decidido a agir. Quem são os jovens? O que querem? A que tendem? Do que precisam?» (*Juvenum Patris, 6*).

O nosso tempo não é tão diferente do tempo de Dom Bosco e de Maria Mazzarello. Para além dos diferentes resultados que as pesquisas nos oferecem, estamos cientes de que existe uma verdade que é universal e não conhece limites de espaço, não está ligada a nenhum lugar e a nenhuma época: a exigência de amar e de ser amados!

É este o critério-guia para cada uma das nossas ações pastorais, é o núcleo inspirador para “ler os sinais dos tempos” e para encontrar-lhes respostas educacionais válidas. De fato, não é um princípio fácil de praticar, mas é o único infalível, o único que conquista e sabe encontrar nos jovens aquele «ponto acessível ao bem!». Um compromisso que se traduz no hoje, para que os jovens sejam felizes; para que possam encontrar em nós companheiros de caminhada, orientadores na busca das respostas para as perguntas não expressas de amor, de compaixão, de luz.

Tornar os jovens felizes «no tempo e na eternidade» empenha-nos a ser, por primeiro, pessoas portadoras de uma verdadeira e contagiante alegria, pede-nos o esforço de nos fazer amar porque, como escreve Osho Rajnees, «Se você busca a felicidade prepare-se para fazer chover felicidade em todos os que encontrar. O mundo é apenas um eco: tudo o que você faz volta para você mesmo. Não espere amor daqueles nos quais você jogou pedras, e se você fere os outros com espinhos não espere nada mais do que uma rica messe de urtigas. É uma lei eterna, que o ódio gera ódio e o amor gera amor».

Os nossos fundadores traçaram o caminho para aproximar os jovens, ganhar a sua confiança, conhecer o seu coração e a capacidade de anunciar o belo rosto do Bom Pastor. Em princípio, a resposta ao chamado a nos colocar ao serviço dos jovens. Não pode haver dicotomia entre santidade e educação: como em Dom Bosco e Madre Mazzarello, santos educadores e educadores santos, na simplicidade da vida.

Uma aventura que envolveu e apaixonou o pessoal de Valdocco e de Mornese, e os fez sonhar com os jovens. E o sonho ainda continua, porque no nosso vasto patrimônio salesiano há aspirações que os educadores podem interpretar no presente, sugestões grávidas de desenvolvimento. Como os brotos que esperam para desabrochar.

### **Não apenas indignados...**

O vento da “primavera árabe”, como foi definida, atravessou as praças do Egito, Tunísia, Líbia, Síria, Yemen, espalhando-se pela Espanha, Estados Unidos, Itália, Chile e alcançando Israel... Os movimentos nascem na rua, mas se reforçam nas *redes sociais* para dizerem: «basta!». Basta à corrupção política, à ganância do dinheiro, às decisões tomadas por 1% e não compartilhadas pelos 99% obrigados a pagarem pelas consequências devastadoras de políticas que têm pouco a ver com o bem comum.

Parece que os jovens estão em pé de guerra: não querem que roubem seus sonhos, não querem ver a esperança sufocada, pedem para viver e não simplesmente para sobreviver neste mundo. É uma inteligência coletiva que decide pensar no futuro, que pede para a política fazer o mesmo: construir, mudar. Não há dúvida de que eles marcaram os eventos destes meses:

depuseram tiranos e suscitaram grandes expectativas, acabaram na capa do prestigioso *Time*, como "personagem do ano". É em Rede que se repercute o seu *boom*: ali comunicam, compartilham, adquirem força e importância, convocam para reuniões e agendam as atividades. Comentários, post e vídeos lotam as praças do *Facebook*, *Twitter*, *YouTube*: emerge a vontade de mudar as coisas, de dar a própria contribuição: «Se não for agora, quando será?».

***Não devemos ir muito longe para encontrar na "história da família" como Dom Bosco e Madre Mazzarello souberam confiar e contar com os jovens, aproveitando o seu potencial. Nunca como hoje isso é verdade.***

### **...mas chamados a "entrar no jogo"**

Os jovens não são uma "geração à porta", condenada a esperar. Têm energia e recursos para entrar em campo e para mudar o próprio destino e o da sociedade. Um dos desafios é sacudir o rótulo incômodo de ser uma "geração sem": sem pressa de crescer, sem um trabalho estável, sem uma ideia exata de família, sem vontade de agir, sem perspectivas certas de futuro, condenados a viverem zangados, concentrados em si mesmos, opondo-se aos outros.

Gian Maria Fara, Presidente do EURISPES (Instituto europeu de estudos políticos, econômicos e sociais), afirma que: «Deveríamos escutar e interpretar tantos sinais dos nossos jovens que chegam até nós, em vez de liquidar suas solicitações com presunção e irritação, como às vezes acontece. Os nossos jovens não querem destruir a sociedade, mas aspiram simplesmente construir um sistema mais justo e mais igualitário». Nas entrelinhas, uma solicitação aos adultos: não deixar como herança aos jovens somente dívidas e entulhos, mas experimentar dar um passo para atrás e caminhar junto com eles em um novo pacto educativo.

Fazer dos jovens a nossa missão é colocar-nos *insieme* quando for necessário movimentá-los, ajudá-los a reagir aos condicionamentos, para que não sejam escravizados pelas situações, mas "ativos" e "em campo", propositivos, fazendo suas vozes mais ouvidas, realizando escolhas, não remetendo as decisões de fundo para quando todas as peças já estiverem no lugar.

É para assumir riscos, apostar alto na generosidade e no empenho, arregaçar as mangas e ajudar quem está se esforçando mais, sem nada pedir em troca.

Urge solidariedade e atenção aos outros; urge restituir confiança e amor a uma sociedade com muitos pobres, muitos solitários e muitos com raiva.

### **Não só hesitantes e no limite do futuro...**

Eles têm os mesmos sorrisos, os mesmos heróis. As mesmas ansiedades e aspirações. Não há diferenças, nem limites entre os jovens do mundo: parece que as fronteiras foram apagadas, deixadas para trás. Os sociólogos os chamam "*Millennials*": são os jovens nascidos no final dos anos 80 e seguintes, os primeiros a crescerem num ambiente completamente digital. Uma geração global, com valores, hábitos e modos de pensar convergentes em cada continente, mas cada vez mais fluidos e variegados. Gostam de ir às discotecas e aderem a Lady Gaga; aos sábados chegam em casa às três da manhã, mas não pensam no futuro, mesmo aplaudindo os que se dedicam aos próprios sonhos. Estão com os pés na terra e com os olhos no *smartphone* e gostariam de ter uma vida positiva para si e para os que os circundam.

São estes os resultados de uma pesquisa feita pela emissora televisiva MTV, que transmite música, filmes, seriados, notícias e documentários. A pesquisa envolveu 6500 jovens de 15 Países.

***Dom Bosco sabe que os jovens são capazes de grandes coisas. Basta mostrar-lhes isso: «Eu os quero felizes no tempo e na eternidade». O olhar de Madre Mazzarello, que vai muito além, une a confiança e a esperança: «Um pouco de Paraíso conserta tudo. Sejam alegres!». À sua escola, também nós sabemos colher nos jovens os germes do bem "aquí e agora", mas também do "já e ainda não".***

### **...mas são chamados a voar alto, para serem capazes de ver cada vez mais longe**

Fazer dos jovens a nossa missão é apoiá-los na criação de novos espaços e oportunidades, no cultivo de estilos sóbrios de vida e de consumo mais responsável, na dedicação aos estudos e ao

trabalho, na busca da felicidade em uma vida simples com relacionamentos autênticos, na compreensão de que, se nasceram na parte afortunada do mundo, é preciso começar a partir dessa realidade: «Penso que todos os jovens sejam como nós, a nossa normalidade nos cansa, pois nos faz perceber que há mundos completamente diferentes e, então, deixemos de nos lamentar» diz Marta, 15 anos, de Roma.

Fazer dos jovens a nossa missão é acompanhá-los para que percebam a necessidade de uma busca espiritual sem limites, o fascínio de uma vida entregue a “uma esperança confiável”, a Jesus Mestre e Amigo, Senhor da vida e Salvador do mundo.

Olhar adiante e não concentrar-se apenas nos problemas do presente, porque numa cultura da imagem, os sinais falam: urge a unidade e o amor, o testemunho de vida, o anúncio explícito da «razão pela qual» escolhe-se viver o discipulado de Jesus.

O convite é ter a ousadia de abrir novos atalhos para atender às mudanças de condições dentro das quais, como Igreja e como cristãos, somos chamados a viver a “vida saudável do Evangelho”: sem violência e, portanto, densa de inteligência, de respeito para consigo mesmo e para com os outros. De modo pacífico e construtivo, porque a beleza habita as coisas simples. Assim como Deus.

### **Não apenas interconectados...**

Crescidos em um ambiente digital e, portanto, fortemente interconectados, vivem como um verdadeiro pesadelo um dia inteiro sem internet: «Não penso na tecnologia, não falo de tecnologia, vivo a tecnologia e não consigo imaginar um mundo não-digital», diz Steave. Ao mesmo tempo, exprimem-se diferentemente em nível individual e demonstram uma atenção às dinâmicas coletivas: as redes de palavras e os ritos de comunicação os levam a pensar localmente, mas a sintonizar-se globalmente. Com uma afirmação “otimista”, Jeffrey Sachs, Diretor do *Earth Institute della Columbia University*, pensa que quando «os filhos da Internet” conseguirem tomar nas mãos as rédeas do seu futuro, serão os únicos capazes de enfrentar os grandes problemas globais e de resolvê-los, com pragmatismo e sem atalhos».

***É sempre tocante ver Dom Bosco rodeado, quase sufocado, pela multidão de rapazes que o cerca. Não importa se esteja atendendo confissões ou posando para uma foto com os meninos da banda. Assim também terão feito em Mornese, na Casa Imaculada, junto com Main, Petronilla e as outras... Estão ali no meio, próximos, amigos, com a garantia de um pai e de uma mãe, que os acompanham.***

### **...mas chamados a construir “casa e comunidade”**

Se «a educação é coisa do coração», cabe a nós o dever de encontrar a chave para abrir o coração dos jovens e lá ficar, entre o silêncio e a palavra. Também hoje, neste tempo em que a Rede não é mais apenas um “meio”, mas o contexto natural para a vida concreta.

O desafio é educacional e consiste em adquirir «um estilo que nos faça estar “conectados” de maneira fluida, natural, ética e mesmo espiritual para atuarmos na Rede como em um dos nossos ambientes normais de vida», sustenta Antonio Spataro. Porque - hoje como ontem - é importante estar lá onde a pessoa cresce e experimenta a sua capacidade de conhecimento e de relação: a amorevolezza é a demonstração do amor afetivo e efetivo, perceptível e percebido, comprovado pelos fatos, demonstrado com palavras e gestos.

Os jovens são portadores de energias exuberantes, possuem um potencial inato para a cooperação. A herança de Dom Bosco é uma comunidade que educa e uma educação para a comunidade. É no ambiente que é gerada a relação educativa: seja um lugar, mas, sobretudo seja um ambiente que incentive o intercâmbio, o diálogo, o contínuo dar e receber como exigências do amor. A comunidade, construída *insieme* pela forte carga de amor entre os membros, dilata-se em “vida de comunidade”, comunhão e compartilhamento com os jovens, os amigos, os guias.

A alegria de viver se realiza ao ocupar o próprio lugar no mundo, na fidelidade ao dever que se é chamado a desenvolver com os talentos a serem usados e os limites a serem enfrentados. Cada um de nós, dizia Hannah Arendt, «é irrepitível e a liberdade existe para um novo começo».

O desejo de serem reconhecidos e acolhidos com seus sonhos aloja-se no coração e se expressa nos olhos dos jovens. A beleza da unicidade de cada um precisa de um espaço, de um reconhecimento para não morrer. Por isso, o encontro é a relação adequada.

Cabe a nós a tarefa de educar juntos para construir relacionamentos e amizades que revelem a harmonia de pertencer-se e de pertencer.

### **Educadores:fim de linha ou profecia?**

O CG XXII já nos havia mostrado que "vivemos um tempo favorável" para realizar em profundidade a nossa vocação, ou seja, para "fazer dos jovens a missão da nossa vida". Não há tempo a perder, porquanto: «Nesses últimos anos, entramos de cabeça no consumo, na dissipação, no desperdício. Desperdiçamos recursos, inteligências, oportunidades e também uma boa parte do futuro das gerações jovens. Precisamos mudar a direção, porquanto, do desperdício ao roubo de futuro, o passo é curto». Um augúrio de "boa missão", portanto.

Que nesta alternância de contextos em que nos é dado viver, não percamos o entusiasmo, mas acolhamos com plena consciência os desafios de hoje, e transmitamos aos jovens e às pessoas que em nós confiam a coragem e a alegria inerentes à aventura em curso.

Urge educadores que testemunhem a emoção e a determinação interior para enfrentar o mar aberto da transformação; que eles sejam, por primeiro, homens e mulheres corajosos; exploradores humildes e perseverantes que saibam fixar o olhar sobre uma terra firme que permanece, porém, sempre futura, a caminho; que mesmo não possuindo sempre todas as respostas, conheçam os segredos práticos e concretos para viver sem muito medo, e para continuar a confiar na rota que, à noite, somente a estrela polar nos oferece.

*emiliadimassimo@yahoo.it, mac@cgfma.org*

**«Seus desejos de ir além, de alcançar o que é elevado,  
sempre têm um futuro»**

*Bento XVI aos jovens da JMJ 2011*

**«Vocês que são tão sensíveis à ideia de compartilhar a vida com os outros, não  
passem por cima do sofrimento humano, onde Deus os espera para que ofereçam o  
melhor de si mesmos: sua capacidade de amar e de compadecer-se».**

*Bento XVI aos jovens da JMJ 2011*

---

## **ENCONTROS**

# **Dom Bosco e Madre Mazzarello na fundação das FMA**

*Carla Castellino*

A Cronistória evoca interessantes "encontros à distância" entre Dom Bosco e Maria Mazzarello, a partir da segunda metade do ano de 1871 até 5 de agosto de 1872.

Encontros mediados por Dom Pestarino que evidenciam, de um lado, a clarificação do projeto de Deus na mente e no coração de Dom Bosco e, do outro, a sintonia interior de Maria Mazzarello com tal projeto.

## A realização de um desígnio de Deus

No início do mês de maio de 1871, Dom Bosco convoca o Conselho da Pia Sociedade Salesiana para um "importante assunto" e confidencia: «Muitas pessoas influentes repetidas vezes me exortaram a fazer, também para as meninas, o bem que, por graça de Deus, estamos fazendo aos jovens. [...] tenho receio de contrariar um desígnio da divina Providência se não levar a sério tal consideração» (*Cronistoria* I 241).

Convida a refletir, a rezar, a amadurecer a decisão mais oportuna e, no final do mês com a aquiescência de cada Conselheiro, conclui: «Pois bem, agora podemos ter certeza de que é vontade de Deus que nos ocupemos também das meninas». E, para chegar a algo concreto, proponho que seja destinada a esta obra a casa que Dom Pestarino está ultimando em Mornese» (*Ivi* 243). São interessantes as motivações que Dom Bosco dá a Dom Pestarino quando lhe comunica tal proposta: Mornese é o lugar mais adequado pela salubridade do ar, pelo espírito religioso que lá prevalece e pela possibilidade de escolher entre as Filhas da Imaculada as mais idôneas para dar início a um Instituto educativo com o nome de *Filhas de Maria Auxiliadora*.

À perplexidade de Dom Pestarino corresponde a reação entusiasmada de Maria Domingas: «se Dom Bosco coloca as meninas no Colégio, tanto melhor. Poderemos ir também nós». (*Ivi* 248). As palavras *Congregação* e *Dom Bosco* provocam um novo brilho nos seus olhos, não pergunta nem como, nem por que e não dá muita importância ao fato de poder ser escolhida como *primeira pedra* da nova fundação, mas tranquila e confiante espera o desenrolar dos fatos, a hora de Deus.

### Um caminho marcado pelo mistério pascal

A mudança de destinação do Colégio, o descontentamento dos mornesinos, a doença de Dom Bosco em Varazze, em dezembro de 1871, quando tudo ainda estava incerto acerca da nova fundação, constituem o selo da Cruz para o futuro Instituto.

Dom Pestarino entrega às Filhas a cópia da Regra escrita para elas por Dom Bosco, recomenda lê-las com atenção, com fé, para decidirem com liberdade sua adesão ao novo Instituto. Maria Domingas não precisa refletir muito: se Dom Bosco pensou e escreveu tudo isso para elas, certamente é a vontade de Deus "e estaria pronta a caminhar sobre brasas para dar o seu consentimento imediato e pleno". (*Ivi* 272). Eleita superiora da Casa da Imaculada, em 29 de janeiro de 1872, contagia o ambiente com sua serenidade e predispõe toda a comunidade a aderir à vontade de Deus, mas no vilarejo serpeiam descontentamentos: friezas, comentários, saudações pouco cordiais, tudo isso vai criando uma atmosfera pesada e sofrida. A situação piora com a transferência das Filhas da Imaculada para o Colégio no dia 24 de maio de 1872, as críticas tornam-se sempre mais ásperas e Maria Domingas, que não quer ver rostos sombrios, corta pela raiz: «digam o que quiserem; e nós cuidamos de nos fazer santas» (*Ivi* 290).

### 5 de agosto de 1872: o cumprimento de uma promessa

«Eu irei e assinaremos juntos a grande promessa de viver e morrer trabalhando para o Senhor com o belo nome de Filhas de Maria Auxiliadora» (*Ivi* 281).

Na tarde de 4 de agosto Dom Bosco chega acompanhado por Dom Berta, secretário do Bispo: saudações cordiais, mudanças de horário, encontros com Maria Domingas, Petronilla e Giovanna Ferrettino para tratar da aceitação das jovens à vestição ou à profissão religiosa.

Dom Bosco fala, explica o significado da função, ensina a ler as respostas, a fórmula dos votos e sublinha a necessidade de um comportamento simples e desenvolto porquanto não só o hábito, mas toda a postura deve fazê-las reconhecidas como religiosas, ou seja, pessoas consagradas a Deus.

Maria Domingas generosa por natureza, sorridente e ativa como sempre, dedica-se aos mil preparativos para o bom êxito da função. A quem precede todas no serviço e no testemunho de vida toca também a alegria de ser a primeira a pronunciar os votos e a chamar-se com o belo título de FMA: consagrada totalmente a Jesus pela salvação das jovens.

Dom Bosco fala às novas religiosas e traça um programa de vida: «Vocês agora pertencem a uma Família religiosa que é toda de Maria; são poucas, desprovidas de meios e não são

sustentadas pela aprovação humana. Nada as perturbe. [...] O Instituto terá um grande futuro se vocês se mantiverem simples, pobres e mortificadas. [...] pensem frequentemente que o seu Instituto deverá ser o monumento vivo da gratidão de Dom Bosco à Grande Mãe de Deus, invocada sob o título de *Auxílio dos cristãos*» (Ivi 305-306).

Um encontro que sela a sintonia de ideais e de intenções, a valorização recíproca, a compreensão profunda que o Espírito Santo sabe infundir nos corações abertos à graça para a realização de projetos que superam toda perspectiva humana.

---

## COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

# Nem um a menos – Onlus

*A Redação*

**A Nem um a menos - Onlus é uma associação fundada em 2006, que nasce e se reconhece no âmbito da atividade social da Confederação Mundial das ex-alunas e ex-alunos FMA.**

Para informações sobre outros projetos em andamento pode-se consultar o site da Confederação Mundial dos Ex-alunos e Ex-alunas das FMA no endereço <http://www.exallievfma.org/ita/progetti.htm>

A associação propõe-se exclusivamente finalidades de solidariedade social, não tem fins lucrativos e tem como objetivo o desenvolvimento de atividades no setor da assistência e beneficência social.

Dirige-se às crianças e aos jovens de todo o mundo através da promoção, organização, gestão e coordenação das adoções à distância e de cada atividade a elas relacionadas. Traz no coração os necessitados e desfavorecidos de todo o mundo para os quais promove projetos que atendem às exigências primárias da saúde, instrução e formação. Dirige-se às mulheres e às famílias de cada parte do mundo necessitadas de promoção, educação e apoio para a sua sobrevivência e desenvolvimento integral.

A associação neste momento promove cerca de 56 projetos em 4 continentes em 26 nações e ajuda 450 crianças com o apoio à distância: Tailândia, Etiópia, México, Bolívia, Colômbia, Geórgia, Vietnã, Camboja, Índia, Rep. Dominicana, Argentina, Rep. Democrática do Congo, Brasil (Amazônia), Jerusalém.

A presidente Fiorentina Regis explica quais são os motivos que impelem tantas federações de ex-alunas a apoiarem os projetos da Onlus: «Todas trabalhamos para dar às crianças uma vida plenamente digna, construir o futuro por meio do apoio à distância, oferecer às mulheres a possibilidade de estudar e de aprender uma profissão para sustentarem a família com objetivos de autonomia econômica e igualdade, construir espaços de acolhida para as moças e os rapazes, escolas infantis, criar cursos profissionalizantes que eduquem e façam crescer no respeito e na esperança.

Deseja-se dar a possibilidade, por meio de projetos de microcrédito e microeconomia, de desenvolver nas áreas de intervenção, culturas, criação de gado, granjas, poços, tanques de água, oficinas de costura que ativem uma mudança de mentalidade e potenciem os grupos de mulheres nas aldeias e nas zonas desfavorecidas.

É também um modo de dar uma resposta imediata e generosa a tantos eventos catastróficos que devastam continuamente o mundo, prestando os primeiros socorros nas emergências, atendendo prontamente para reconstruir o futuro de tanta gente».

Os projetos já concluídos e os que estão em andamento alcançaram diversas nações em diversos continentes. São projetos que oferecem apoio para a construção de poços, providenciam

remédios e material sanitário para o abastecimento dos dispensários, apoiam os jovens estudantes fornecendo-lhes o material didático necessário.

Graças à contribuição da Onlus, foram colocados alto-falantes, construídas salas de aula e alpendres. Foram instalados painéis solares para captar energia. São muitos os projetos de microcrédito financiados e destinados às mulheres, através das oficinas de costura, do apoio para adquirirem as máquinas de costurar e para levarem em frente oficinas próprias visando ao sustento das famílias. Há projetos para iniciar a criação de gado e para a aquisição de sementes e arroz ao cultivo e à produção.

## Um verdadeiro Centro de acolhida

***Um ano de trabalho para as crianças das colinas. Projeto Burundi, Ngozi e Rukago, em favor das crianças com graves dificuldades sociais.***

«Estou em um território burundês que viveu uma guerra civil extremamente sangrenta; as duas cidades, Ngozi e Rukago, estão a 1800 m de altitude na zona da mata, em uma paisagem de “mil colinas”» relata Carmela Fiore que há alguns anos trabalha com pessoas do lugar que pertencem à Comunidade Missão Dom Bosco. Carmela coordena o oratório de Jimbi, na Paróquia de Rukago. Está organizando o centro de acolhida para crianças que se encontram em graves dificuldades sociais, em Ngozi. Um verdadeiro centro de acolhida, que será aberto no final do ano.

A ***Nem um a menos - Onlus*** sustenta um projeto que tem como objetivo financiar um percurso de recuperação-prevenção das crianças acolhidas, por meio da educação para a higiene e a saúde, através da instrução básica, e da oportunidade de viver em grupo.

---

## CONSTRUIR A PAZ

# Um mundo de justiça

*Júlia Arciniegas*

**“A graça de permanecer”, é o título com que a revista “O Reino” (EDB), apresenta a entrevista de uma missionária comboniana que fala de sua vida em uma região do Sudão Sul, na encruzilhada de vários países africanos, onde cotidianamente depara-se com a insegurança e a violência.**

«Nós fazemos uma experiência muito importante com os jovens e com as crianças que conseguem sair do movimento dos rebeldes *Lord Resistance Army* (LRA) – relata Ir. Giovanna. Teve início quando os serviços sociais de Yambio nos pediram para acolher crianças congoleesas libertadas pelo LRA, que não sabiam para onde ir [...]. Os maiores, com a idade entre 12 e 15 anos, estão conosco em uma seção específica e cuidamos deles.

Observamos que lentamente vão mudando, mas ficam marcados pelo trauma psicológico. Certo dia eu procurava John. Disseram-me que havia se escondido para chorar. Quando eu o encontrei perguntei-lhe: ‘O que você tem?’ E ele: ‘Matei o meu pai’. ‘Sim, eu sei, você me havia dito. Mas Deus sabe que não foi você que quis fazer isso. Você foi obrigado a fazê-lo. Deus sabe disso e seu pai também sabe’. São traumas indelévels e o trabalho é muito longo” (*Atualidade* 18/2011).

Testemunhos e experiências de todo tipo nos fazem pensar que as crianças e os jovens de todos os continentes estão sofrendo as consequências de um mundo de violência e de injustiça criado pelos adultos. Os jovens, no ano passado, através de uma série de manifestações em muitas cidades do mundo, deram o alarme da insatisfação que muitos deles não conseguem mais suportar.

## Uma aurora de esperança

A preocupação manifestada pelas jovens gerações é lida por Bento XVI como um profundo desejo «de poder olhar com grande esperança para o futuro. No momento presente são muitos os aspectos que eles vivem com apreensão: o desejo de receber uma formação que os prepare de modo mais profundo para enfrentar a realidade, a dificuldade para formar uma família e para encontrar um lugar de trabalho estável, a efetiva capacidade de contribuir ao mundo da política, da cultura e da economia para a construção de uma sociedade com rosto mais humano e solidário».

O Papa põe-se ao lado dos jovens para ajudá-los a vislumbrar uma aurora de esperança e para exprimir sua confiança na contribuição que eles podem oferecer para a construção de *um mundo de justiça e de paz*, desde esse primeiro numeral de sua *Mensagem para a jornada mundial da Paz 2012*.

Em consonância com a emergência educativa declarada por tantos setores da sociedade, Bento XVI centraliza a proposta da sua *Mensagem* sobre a educação, considerada o único caminho capaz de liberar o potencial das pessoas e fazê-las conhecer o projeto de Deus, numa relação de reciprocidade e de responsabilidade. Ela *requer a responsabilidade do discípulo, que deve ser aberto e deixar-se guiar ao conhecimento da realidade, e a do educador, que deve estar disposto a doar-se a si mesmo* (n. 2).

*Educar os jovens para a justiça e para a Paz* implica transmitir-lhes o apreço pelo valor da vida e suscitar neles o desejo de gastá-la ao serviço do Bem. Para alcançar esta meta, as famílias, todos os educadores e formadores, como também os responsáveis nos vários âmbitos da vida religiosa, social, política, econômica, cultural e da comunicação devem estar atentos ao mundo juvenil, saber escutá-lo e valorizá-lo.

Cada ambiente educativo é chamado a constituir-se como lugar de diálogo, unidade e escuta, onde o jovem aprende a descobrir as próprias riquezas interiores e a amar os irmãos; a experimentar a alegria que brota da vivência diária da caridade e da compaixão para com o próximo; a participar ativamente da construção de uma sociedade mais humana e mais fraterna (Cf. *ivi*).

## No horizonte do amor

A estreita relação entre a justiça e a paz é apresentada magistralmente na Mensagem da Paz de 1998: “Da justiça de cada um nasce a paz para todos”. Nela João Paulo II afirma entre outras coisas: «A justiça caminha com a paz e está constantemente em relação dinâmica com ela. Justiça e paz visam ao bem de cada um e de todos, por isso exigem ordem e verdade. Quando uma é ameaçada, ambas vacilam; quando se fere a justiça a paz é também ameaçada. A justiça restaura, não destrói; reconcilia, em vez de insuflar a vingança. Sua raiz mais profunda, está situada no amor, cuja expressão mais significativa é a misericórdia. A justiça, portanto, separada do amor misericordioso, torna-se fria e dilacerante» (Cf. n. 1).

*j.asciniegas@cgfma.org*

**Vocês nunca estão sozinhos...** «Queridos jovens, vocês são um dom precioso para a sociedade [...] Vivam com confiança sua juventude e aqueles profundos desejos de felicidade, verdade, beleza e amor verdadeiro. Vivam intensamente esta etapa da vida tão rica e plena de entusiasmo. Tenham consciência de que vocês são exemplo e estímulo aos adultos, e o serão, quanto mais se esforçarem para superar as injustiças e a corrupção, quanto mais desejarem um futuro melhor e se empenharem em construí-lo. Tenham consciência das suas potencialidades e nunca se fechem em si mesmos, mas saibam trabalhar em vista de um futuro mais luminoso para todos. Vocês nunca estão sozinhos. A Igreja confia em vocês, acompanha-os, encoraja-os e deseja oferecer-lhes o que há de mais precioso: a possibilidade de elevarem seus olhos a Deus, de encontrarem Jesus Cristo, Aquele que é a justiça e a paz».

(Mensagem do Santo Padre para a XLV Jornada mundial da Paz, n. 6)

# Espontaneidade e autenticidade

*Maria Rossi*

**A espontaneidade é considerada, geralmente, como uma atitude muito positiva e bastante rara nas pessoas adultas. Faz pensar nas crianças, no seu modo de ser simples, genuíno, imediato, na sua simpática franqueza e na ausência de pretensão, duplo sentido, falsidade, artifício, cálculo, obrigação, imposição.**

Não é raro ouvir dizer com certo remorso: «Não consigo mais ser espontânea como antes». Ou, com preocupação: «Aquela menina é pouco espontânea, pouco verdadeira, um tanto ambígua», ou, com certa reação: «Eu sou um tipo espontâneo, falo na cara o que penso».

Algumas irmãs e leigas, exceto uma jovem professora de filosofia, interpeladas à queima-roupa sobre como entendiam a espontaneidade, não duvidaram em exaltá-la como uma atitude genuína, simples, verdadeira, desejável e rara na atual cultura. Na linguagem cotidiana, o termo *espontâneo* era usado em sua acepção positiva e como sinônimo de *autêntico* que também significa verdadeiro, genuíno. Portanto, considerando-o como tal, pensava-se em cultivá-lo tanto no próprio modo de ser, como na educação. Considerações pedagógicas também apoiaram esta tese.

Mas, um comportamento espontâneo é mesmo sempre autêntico? Quando se reflete sobre o próprio modo de sentir e de ser, podem surgir dúvidas. Espontâneo significa também impulsivo e instintivo. De fato, se as crianças não forem suficientemente vigiadas, poderão criar sérios problemas para si mesmas, aos outros e ao ambiente, com sua espontaneidade.

Nas situações que se apresentam e no relacionamento com os outros, podem-se experimentar emoções e sentimentos opostos: alegria, surpresa, respeito, simpatia, acolhida, admiração, mas também tristeza, raiva, repulsa, antipatia, ódio, vingança, medo. E isso, independente da vontade e das escolhas éticas feitas. Emoções e sentimentos nascem das profundezas do próprio ser; ocorrem, *são espontâneos* e nos pertencem. Os sentimentos positivos, estando geralmente em consonância com os grandes valores da vida e com a ética, não criam problema. Antes, dilatam o espírito, suscitam o respeito, abrem à acolhida, à amizade e, no caso de uma beleza natural, à contemplação.

## **Comportamentos ambíguos**

As emoções e os sentimentos negativos como a repulsa, o ódio, a vingança, sendo contrários aos grandes valores da fraternidade e da vida nos quais, geralmente, se crê, podem colocar em crise, desorientar, induzir a atitudes e comportamentos ambíguos.

Mas também os sentimentos de per si positivos, como a simpatia-enamoramento, que podem surgir espontaneamente entre uma pessoa casada e um parceiro diferente do próprio ou entre uma/um consagrada/o e uma pessoa de sexo diferente, são altamente desorientadores, porque estão em contraste com o valor da fidelidade deliberadamente aceito. Neste caso, a fidelidade, o bem reconhecido como tal, pode suscitar perplexidade e resistências, enquanto a infidelidade, considerada como um mal, pode envolver, fascinar, tornando ambíguas as atitudes, os comportamentos e também as ideias. A aspiração à coerência e a unificação interior ficam ameaçadas. A exigência e a necessidade de autenticidade pelem entre a afetividade espontânea e as aspirações mais altas à fidelidade, entre as promessas ilusórias de felicidade e o medo de perder a estima do contexto social.

## **Razão e sentimento**

A tradição filosófica ocidental exaltou o homem como "ser ou animal racional". Até alguns decênios atrás, aos sentimentos, assim como às paixões, era dada pouca importância. Colocados em relação com a razão, se não eram desprezados, eram seguramente desvalorizados. Ainda hoje,

dizer a uma pessoa que ela é do tipo racional, é fazer-lhe um elogio, mas dizer-lhe que é sentimental, poderia soar como uma ofensa.

Desde que as emoções e os sentimentos, não dependendo da vontade podem perturbar e obscurecer a razão, foram vistos com desconfiança, o que ainda se faz em alguns ambientes. Segundo os estoícos, não só não se devia deixar envolver e dominar por eles, mas era bom também não se deixar tocar.

Alguns autores modernos, tanto no campo da filosofia como no da psicologia, têm evidenciado, não só a importância da dimensão afetiva, mas também como ela seja constitutiva do ser humano. A pessoa humana integral é razão e sentimento. Assim como a razão, os sentimentos pertencem à pessoa, fazem parte dela e lhe colore a vida com mil tons tanto positivos como negativos. Não se podem ignorar, nem desprezar, nem absolutizar, nem remover os sentimentos. Surgem espontâneos e inesperados das profundezas do próprio ser. Envolvem também fisicamente: para além das posturas corpóreas, a mímica facial exprime-os claramente. Não é fácil mascará-los. Revelam o mistério do ser humano e também o seu limite. Embora nasçam independentemente da vontade, cabe à pessoa o poder de decisão sobre os próprios sentimentos, se reprimi-los e eliminá-los, se secundá-los, se valorizá-los orientando-os. Sobretudo se forem negativos, é necessário encará-los e chamá-los pelo nome, sem apavorar-se ou censurar-se ou negá-los ou removê-los.

## **Orientar os sentimentos**

As reações às próprias emoções e aos próprios sentimentos diferem de pessoa para pessoa. Dependem de muitos fatores. A educação recebida e a cultura na qual estamos inseridos têm grande influência. Observando as atitudes pode-se perceber como algumas/alguns não são capazes de tolerar os sentimentos de antipatia, de repulsa, de ódio. Quando falam sobre estes argumentos tendem a afirmar categoricamente que nunca os experimentaram, e não mentem. O medo de não estar à altura, de perder a própria dignidade, de fraquejar no sentido do "dever ser" assumido como regra de vida, leva-os a negar, a remover o sentimento negativo e, portanto, a não lembrá-lo. Estas pessoas levam uma vida cinzenta. A atitude que, em geral, assumem é pouco flexível, bastante rígida, fria e sem os respiros de alegria e entusiasmo. A racionalidade, o dever ser, sufocaram o sentimento.

No lado oposto, notam-se algumas/alguns que tendem a se deixar dominar pelas emoções e pelos sentimentos. O seu comportamento é espontâneo e inesperado. Portanto, são impulsivos, pouco confiáveis e tendem a impor-se. Ostentam, em geral, uma liberdade que não é propriamente tal, como a daquela pessoa que afirma com arrogância: "Eu sou espontânea e falo na cara o que penso" e o faz sem ponderar o momento e as circunstâncias. Ignorando, às vezes, até mesmo as leis vigentes e, não tendo grandes valores de referência, deixam que a emoção e o sentimento imperem sobre a razão: em algumas ocasiões podem fazer gestos de heroísmo, mas frequentemente cometem aqueles desastres que enchem as páginas da crônica negra.

Entre os dois extremos, estão aquelas/aqueles que se colocam no caminho do meio. Constituem a maioria. Tendem a orientar, a elaborar os próprios sentimentos de modo a sintonizá-los com os valores abraçados.

## **A autenticidade**

Quando uma pessoa consegue sintonizar seus sentimentos profundos com os valores considerados importantes percebe a plenitude que deriva da unificação interior, da integridade, e experimenta a sensação de leveza, própria da liberdade. É **a autenticidade**. Os comportamentos então se tornam coerentes, verdadeiros, flexíveis, genuínos, carregados de valores humanos, criativos, mesmo se não forem espontâneos.

Quem encontra estas pessoas acha-as verdadeiras e *autênticas*. Sente-se bem com elas, pois infundem serenidade e segurança. A autenticidade é um caminho, uma conquista que não se realiza de uma vez por todas. Para elaborar um sentimento de simpatia que, desaguando no enamoramento, contrasta com o valor assumido pela fidelidade ou um sentimento de repulsa e de ódio que contrasta com o valor da dignidade, do respeito e da fraternidade universal, é preciso

tempo, reflexão, discernimento, força interior. É de fundamental importância, nestas situações, o apoio de pessoas amigas e/ou especialistas que compartilhem como fundamentais os valores e as escolhas precedentemente almejadas e feitas. O ideal seria conseguir sintonizar os sentimentos com o senso do dever também nas coisas mais simples da vida cotidiana. Quando se tem sucesso nesta iniciativa, a vida se torna mais harmoniosa, mais cálida, o dia mais luminoso, menos cinzento, o trabalho mais gratificante e menos estafante. Quando se é pontual só porque a regra ou a superiora o quer; quando se ensina só porque naquele ambiente não há outras atividades; quando se vive sobriamente porque não se pode fazer diversamente, arrasta-se uma vida de escravos/os.

Ao invés, quando se decide ser pontuais para encontrar as pessoas ou por respeito a quem está nos esperando; quando se vai à escola para encontrar as/os jovens e oferecer-lhes os valores que orientam para o amor, a paz e que dão sentido à vida e, se são difíceis, também para nos provar; quando se oferece um serviço com o prazer de contentar quem o recebe para além do reconhecimento; quando se chega a encontrar o aspecto positivo e gratificante que está escondido até mesmo no trabalho mais humilde, a vida muda. Se, então, se consegue ser pontuais ou chegar mais cedo ou, seja como for, ser fiéis à meditação, não tanto porque é dever, mas porque há Alguém que espera, escuta, envolve, corrige, ilumina no discernimento dos verdadeiros valores, ajuda a dominar e a elaborar positivamente as inevitáveis tensões e os sentimentos negativos, será mais fácil chegar àquela unidade interior que nos torna autênticos, que confere bem-estar e liberdade, que permite estabelecer relações autênticas e estáveis, mesmo as afetivas, e confere força para ir adiante com alegria e serenidade.

*rossi\_maria@libero.it*

Para aprofundar seria muito útil a leitura: BRENA Gian Luigi, *Identidade e relação. Por uma antropologia dialógica*, Mensageiro, Pádua 2009, capítulo sétimo: *Sentimentos e experiência dos valores*.

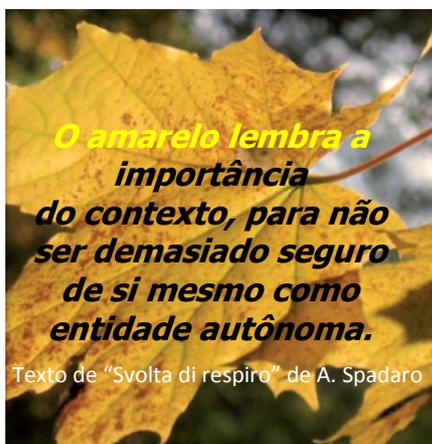
---

## **SUPLEMENTO DMA**

# **OS JOVENS E AS CORES**



**COMPREENDER AS CORES É COMPREENDER O  
FRESCOR QUE VIVE NO FUNDO DAS COISAS**



***O amarelo lembra a  
importância  
do contexto, para não  
ser demasiado seguro  
de si mesmo como  
entidade autônoma.***

Texto de "Svolta di respiro" de A. Spadaro

**AMARELO**

***O amarelo impõe às cores  
que lhe estão próximas,  
uma escolha:  
ou a eternidade  
ou a irrealidade***

## **CULTURAS**

*Entrevista com Ir. Karen Vargas Valle (Peru)*

# **Eu acredito no Sistema Preventivo porque...**

*por Mara Borsi*

Devo dizer que esta pergunta, desde que me foi feita, interpelou-me realmente e muito. Em diversos momentos dos meus dias senti a resposta fluir dentro de mim com intensidade e entusiasmo, em outros momentos ela distraiu a minha atenção do estudo e simplesmente a incluí na minha oração.

Tento compartilhar esta experiência ciente de que nem sempre é fácil expressar o que toca a vida em profundidade.

### **Eu acredito no método educativo salesiano porque...**

Porque o Sistema Preventivo acreditou em mim. Na verdade sou um dos seus frutos, um sinal daquilo que a força da esperança e do amor podem fazer no coração de cada pessoa. O Sistema Preventivo trabalhou em mim lenta e eficazmente, educou o meu coração de modo impensável, ensinou-me a amar concretamente despertando e fazendo crescer, na relação com os jovens, a minha maternidade.

### **Eu acredito no estilo salesiano de educar porque...**

Porque juntamente com outras irmãs e jovens experimentei a responsabilidade de um planejamento bem cuidado, criativo; juntos compartilhamos as energias para inventar mil modos possíveis e "impossíveis" de chegar ao coração dos jovens, fazer-lhes o maior bem possível e orientá-los para Cristo. Em espanhol existe um modo de dizer que expressa este tipo de empenho: *cranear*. Literalmente, quebrar a cabeça pensando e inventando.

### **Eu acredito no Sistema Preventivo porque...**

Porque sou testemunha daquilo que ele realizou nos jovens que conheci, resgatando-os do vazio e promovendo neles uma extraordinária vitalidade, uma fonte de energias positivas, de criatividade, de amor e de esperança na vida. Porque leva os jovens a desejarem grandes coisas, a se tornarem protagonistas da própria vida; porque os abre à entrega generosa e gratuita de si mesmos. Porque vi lágrimas de alegria nos olhos de tantos meninos e meninas tocados pelo amor de Jesus, que me fizeram compreender a urgência de amá-los, de lhes falar de Jesus, que ama sem medida, sem nada esperar... Porque vi, constatei como a persuasão do amor pode transformar e orientar definitivamente suas vidas, suas escolhas. E, se com o tempo deixarem por fragilidade o bem, têm dentro de si algo que permanece semeado: a certeza de que o desejo de infinito não é uma mentira, mas o sentido pleno da vida.

O Sistema Preventivo permanece uma realidade que age na vida concreta dos jovens e os torna capazes de serem donos de si mesmos, em uma palavra, os humaniza.

O Sistema Preventivo é um dom que trabalha o ser humano em primeira pessoa e espera sua acolhida, sua disponibilidade e a impele a compartilhar o que recebeu gratuitamente. Não é um ideal abstrato, não se aprende nos livros, mas, segundo a experiência que estou fazendo, ele está lá onde se consegue dar nome ao que se experimenta e se vive, lá onde é aprofundado. É claro

que o estudo precisa conjugar-se com a prática, mas é na relação educativa que se descobrem novos caminhos, novos chamados, novas riquezas; é lá que a pessoa se examina e torna a se motivar.

Eu percebo que este método educativo requer um coração que tenha experimentado em primeira pessoa a força transformadora do amor e esteja disposto a viver e a acreditar nesta força.

### **Eu acredito que o Sistema Preventivo é atual**

É atual para todos, mas particularmente para os jovens que precisam ser amados e, por sua vez, aprenderem a amar.

Eu fiz a experiência de que o Sistema Preventivo é um método educativo que cria o ambiente adequado para acolher os jovens e para fazê-los sentir-se em casa, em família, que habilita o educador/a, a compreender o coração dos jovens, a intuir suas necessidades e fazê-los amigos, a caminhar ao seu lado sem substituir-se a eles no momento das escolhas, a saber tocar a "corda certa" no momento certo.

O Sistema Preventivo exige de cada educador viver em primeira pessoa aquilo em que acredita, percorrer o lento caminho do acompanhamento e do amadurecimento gradual com a força criativa do amor. Penso que, enquanto na terra houver jovens para serem amados e pessoas que neles acreditam, o Sistema Preventivo não deixará de ser atual.

*mara@cgfma.org*

**«Percorrer os caminhos da educação preventiva significa habilitar a pessoa, desde as primeiras fases do crescimento, a deixar emergir as potencialidades das quais é rica, e a desenvolvê-las gradualmente em um caminho de liberdade e de responsabilidade no contexto cultural, sociopolítico e eclesial».**

**(Projeto Formativo)**

---

## **PASTORALMENTE**

# **Oratório: um ambiente a serviço dos jovens!**

***Emilia Di Massimo***

"Oratório", palavra mágica e fortemente evocativa para quem ama e compartilha o Carisma. Poderemos definir o Oratório como o dinamismo na fidelidade, porquanto não se trata de repetir o que fez Dom Bosco, mas de compreender a lei profunda na qual se inspirava a sua ação.

Esta lei que ontem assegurou o sucesso do seu apostolado, e hoje condiciona a homogeneidade do seu ulterior desenvolvimento, poderia indicar-nos quatro elementos-chave reciprocamente ligados:

- **uma vocação**, isto é, a consciência de uma missão pastoral recebida de Deus, um chamado a estar presente entre os jovens, para estabelecer um diálogo pedagógico e pastoral com eles, para conduzi-los a Cristo, plenitude de vida e de felicidade;

- **um ambiente** onde esta missão se realiza, se desenvolve e se comunica: o Oratório, concebido como uma casa onde se vive e se constitui uma verdadeira família, uma escola que prepara para a vida, uma paróquia que educa à fé;

- **um estilo específico de educação**, o Sistema Preventivo é a expressão de uma caridade que se torna perceptível aos jovens, permeada de serena alegria, vivida em chave de amizade verdadeira e em clima de família, inspirada na ternura materna de Maria;

- **uma abertura e disponibilidade às novas exigências da realidade social** e, em particular, da condição juvenil; abertura sempre mais amadurecida na reflexão da própria experiência, e sempre mais corajosa, na aceitação de novos horizontes e possibilidades de realização da missão.

Dom Bosco, mais que um extraordinário gestor de uma estrutura, mostra-se como um pastor genial que sabe ler a condição juvenil e dar-lhe respostas precisas, movido pela caridade pastoral e tenazmente fiel à sua missão. É nessa convivência com os jovens do Oratório que se assentam os fundamentos de um projeto, crescem as obras e amadurece um estilo.

O caminho pastoral de Dom Bosco (e de Madre Mazzarello), sua experiência espiritual e educativa que amadureceu com os jovens em Valdocco, constitui o que se chama «critério oratoriano». Constitui o nosso modelo apostólico de referência, uma específica ótica pastoral para julgar as presenças existentes ou a serem criadas. No centro encontramos «o coração oratoriano», isto é o dom de predileção pelos jovens, sobretudo os mais necessitados, expressão eminente da caridade pastoral que dá significado à nossa vida e anima a missão salesiana. Tal critério exige que se parta antes de tudo da condição juvenil, das crianças mais necessitadas e das classes populares, que se assegure em todos os lugares a acolhida familiar, o encontro gratuito e o diálogo positivo, que se tenha como preocupação fundamental o percurso da formação cristã que se desenvolve na convivência amigável e alegre, na promoção humana e social e na maturação vocacional.

De uns tempos para cá, fala-se em repensar o Oratório, em relançá-lo. Isso revela e manifesta a consciência de que os nossos oratórios talvez estejam perdendo o contato com a realidade juvenil e social de hoje. Eles podem correr o risco de serem espaços abertos, porém, com poucas propostas empenhativas ao crescimento educacional e a uma séria formação cristã. Ou podem ser lugares elitistas, reservados somente àqueles que já têm referências educativas e religiosas suficientes.

Alguns traços da identidade salesiana que traduzem e concretizam o critério oratoriano poderiam ser:

*A centralidade dos jovens, sobretudo os mais pobres.* Seria bom ser capaz de fazer próprias as palavras de Dom Bosco à marquesa de Barolo, que lhe pedia para escolher entre a obra do Refúgio e a obra para os meninos. «A minha intenção é cuidar das crianças abandonadas».

*Uma proposta integral: educar evangelizando e evangelizar educando.* A pastoral juvenil salesiana sublinha a profunda relação entre a ação educativa e a ação evangelizadora, assegurando uma especial atenção aos valores humanos e sociais do ambiente, aos dinamismos de crescimento pessoal e grupal, ao diálogo com os diferentes universos culturais em que vivem os jovens e, ao mesmo tempo, desenvolve com cuidado as grandes energias de humanização de que dispõe a fé cristã.

*Uma experiência comunitária.* O grupo é a escolha que qualifica pedagogia salesiana; é o lugar no qual os jovens vivem a busca de sentido e a construção da própria identidade; é o espaço da criatividade e do protagonismo; é a escola onde aprendem a inserir-se responsabilmente no mundo social e no território; é a mediação privilegiada para a experiência de Igreja.

*Um estilo que privilegia a personalização.* Além da mediação do grupo, torna-se decisivo o encontro pessoal com o jovem. É realmente neste nível que se forma a consciência, suscitam-se as motivações e se encoraja o envolvimento ativo, a participação.

*Uma forte unidade na diversidade.* Com um único objetivo: a promoção integral dos jovens e do seu mundo.

*emiliadimassimo@yahoo.it*

# **Jovem e mulher**

*Paola Pignatelli, Bernadette Sangma*

**O ano de 2011 viu surgir o que o mundo denominou “a primavera árabe”. Foi impressionante o protagonismo das mulheres árabes, que desmantelou o estereótipo da sua submissão escondida por trás do hijab.**

Uma das protagonistas no Egito foi Asmaa Mahfouz, uma blogueira de 26 anos que, através do eficaz uso do facebook, foi capaz de envolver e de atrair milhares de pessoas para a Praça de Tahrir, a fim de protestar contra o regime, no poder há 30 anos.

Uma outra jovem mulher é Tawakkul Karman, líder do protesto no Yemen. Jornalista e fundadora de um grupo para defender os direitos humanos: “Mulheres Jornalistas Sem Amarras” (Women Journalists without Chain), distinguiu-se por ser a primeira mulher árabe merecedora do prêmio Nobel da Paz e por ser a primeira jovem entre as mulheres que até o momento receberam o prestigioso reconhecimento.

Muito menos conhecida é Laxmi Orang, de 21 anos, jovem Adivasi da Índia. Tinha apenas 17 anos em 2007 quando, durante uma manifestação dos estudantes Adivasi pelos direitos do seu povo, foi humilhada, molestada, espancada na rua, em pleno dia. No dia seguinte, as fotos da violência estavam nas primeiras páginas dos jornais. Porém, a humilhação em público não conseguiu intimidar a jovem. O pesadelo vivido só serviu para torná-la mais tenaz no empenho e na luta pelo respeito aos direitos fundamentais do seu povo: trabalhadores marginalizados e explorados nos jardins de chá, no estado de Assam, ao norte da Índia. Já se passaram vários anos desde a sua tortura e os responsáveis ainda não foram punidos. De modo não violento, em novembro de 2011, quarto aniversário do acontecimento, Laxmi decidiu fazer greve de fome para pedir justiça.

### **Como olhar para estas novas tendências do “planeta feminino”?**

A crescente evolução do protagonismo juvenil-feminino é certamente um fato positivo, mas infelizmente ainda são muitas as potencialidades desperdiçadas ou pouco aproveitadas. As estatísticas mundiais persistem em evidenciar o desequilíbrio que ainda existe em muitas partes do mundo.

O Relatório 2011 sobre a População Mundial diz que ainda há no mundo 143 milhões de crianças fora da escola: a metade são meninas. Em 19 nações africanas, menos de 5% das meninas conseguem concluir o ensino médio. No entanto, já se documentou que a educação das meninas e das jovens mulheres incide positivamente na família, na alimentação, na educação dos filhos, na saúde, no desenvolvimento sustentável e, num raio maior de ação, na transformação de toda a sociedade. Por exemplo, um ano de escola de uma jovem pode reduzir a possibilidade de mortalidade dos seus filhos de 5 a 10%.

Cinco anos de escola têm a possibilidade de aumentar a sobrevivência de 40% das crianças em cinco anos. Anualmente, 16 milhões de adolescentes tornam-se mães, a metade delas vive em Bangladesh, Brasil, Congo, Etiópia, Índia, Nigéria e Estados Unidos. As complicações durante a gravidez e o parto são as principais causas da morte das jovens entre 15 e 19 anos na África e no Sul da Ásia.

### **Não apenas números e percentuais!**

O hemisfério feminino não é feito só de estatísticas e percentuais: muitas Irmãs, juntamente com as Comunidades Educativas espalhadas pelo mundo, poderiam substituir os números pelos

nomes, rostos, olhares suplicantes e desejosos de serem reconhecidos como pessoas, vidas que clamam por dignidade, realização e igualdade de oportunidades.

"Julia, Fatna, Randa"... são algumas das meninas que precisaram abandonar a escola durante o ano escolar por terem alcançado a idade de 14, 15 ou 16 anos e, portanto, estavam prontas para o casamento". É isso o que relata Ir. Jane Wanbui, FMA, da comunidade de Wau – Sudão Sul.

À pergunta sobre o que fazem para aumentar o tempo escolar das meninas e frear as desistências, responde que é um grande desafio pensar em derrubar algumas práticas tradicionais que jamais foram colocadas em discussão ou contestadas, sobretudo a respeito das mulheres.

Como proposta, fala de um curso de inglês para as mães, a fim de torná-las participantes e corresponsáveis na educação dos filhos, mas também a fim de sensibilizá-las e encorajá-las quanto às novas possibilidades educacionais de suas filhas, no contexto em evolução.

São muitas as profetisas dos nossos tempos, notáveis ou perdidas no anonimato, e a ressonância de suas vidas é, para cada mulher, um chamarisco à responsabilidade.

Nós, guardiãs de um passado profético, filhas de uma Mãe capaz de falar às jovens mulheres do seu tempo, somos capazes de falar às jovens mulheres "aqui e agora", onde o Senhor nos chama a ser "sinal"? Somos capazes de "participar cordialmente" de sua vida e de suas aspirações, também quando elas nos pedem para assumir com coragem posições firmes e fazer escolhas de campo explícitas, para sermos realmente "boas cristãs e honestas cidadãs"?

*paolapignatelli@hotmail.com*  
*sangmabs@gmail.com*

---

## **MOSAICO**

# **O efeito dominó da crise**

***Anna Rita Cristaino***

A crise econômica continua a incomodar. E todos nós em graus diferentes sofremos suas consequências. Assim nasce e se espalha pelo mundo um sentimento de rebelião contra os políticos e as estruturas econômicas injustas. Enquanto estamos escrevendo, na Rússia, milhares de manifestantes, sobretudo jovens nascidos depois do colapso da União Soviética, estão se manifestando em praça pública, não para defenderem ideologias, ou para combaterem um inimigo externo, mas porque querem construir uma democracia que coloque o cidadão no centro, que não seja controlada apenas pelos poderes financeiros. Querem, sobretudo, combater e derrotar a corrupção.

Há um único fio que liga a crise do "rico" Ocidente (que, de qualquer forma, vê crescer a indigência entre a população) às muitas pobreza do mundo. O açambarcamento dos recursos, as guerras pelo petróleo e pela água pintam um novo cenário de exploração.

Precisamos de uma política diferente e de outro tipo de economia onde os bens comuns, a cooperação, os direitos, possam existir e afirmar-se como alternativas. Os movimentos que agem nesta nova fase estão procurando os caminhos para rejeitar essa má política e substituí-la por uma totalmente diferente.

O papa na *Caritas in Veritate* chamou a atenção para o fato de que qualquer modelo de desenvolvimento baseado no PIB (Produto Interno Bruto) ou no crescimento econômico exclusivamente quantitativo, não funciona.

No mundo inteiro o excesso de poder do dinheiro e as distorções do mercado estão sob acusação. Mas a política continua a pensar o desenvolvimento apenas em termos de crescimento econômico.

No seu discurso ao corpo diplomático creditado junto à Santa Sé a partir de 9 de janeiro de 2012, o papa sublinhou que as crises econômicas, políticas e sociais de várias naturezas e extensões atingiram não só os países mais ricos, penalizando de modo particular os jovens, mas

também os países em via de desenvolvimento que estão sofrendo suas mais dramáticas consequências.

Porém, o papa disse que a crise «Pode ser um estímulo para refletir sobre a existência humana e sobre a importância de sua discussão ética, antes mesmo de refletir sobre os mecanismos que governam a vida econômica, não somente para procurar conter as perdas individuais ou das economias nacionais, mas para dar-nos novas regras que assegurem a todos a possibilidade de viver com dignidade e de desenvolver as próprias capacidades em benefício da comunidade inteira».

---

## **COMUNICAÇÃO E VERDADE**

*Um projeto de alfabetização para a mídia (Mabalacat, Pampanga – Filipinas)*

# **Para além das aparências**

*Maria Antonia Chinello, Patrizia Bertagnini*

Ir. Debbie Ponsaran antes de chegar a Roma para o Âmbito da Comunicação Social projetou e coordenou um *Programa de Educação à percepção crítica da mídia* que envolveu cerca de 700 estudantes da escola infantil, primária e superior da *Mary Help of Christian School* de Mabalacat, Pampanga (Filipinas). Um Projeto que, nas fases de preparação, reuniu as animadoras da comunicação, da pastoral juvenil e as professoras de religião.

### **O Projeto**

O *Projeto Media Literacy Education* está encaixado em um percurso de educomunicação, uma abordagem holística na formação didática da alfabetização para a mídia, que unifica os processos de educação e comunicação. Propõe-se habilitar crianças, adolescentes e jovens a utilizar a mídia de modo responsável e a reconhecer seus efeitos negativos, quando utilizada de modo impróprio. Abrange quatro áreas:

**Educação à Comunicação** para uma compreensão crítica, capaz de avaliar as mensagens positivas e negativas dos conteúdos e dos processos da comunicação nas suas várias formas, em particular nos meios de comunicação social e tecnologia da comunicação.

**Mediação tecnológica** para educar-se ao desenvolvimento tecnológico e ao uso responsável dos dispositivos para a comunicação.

**Arte e Expressão** para aprender e apreciar a linguagem artística, valorizando a criatividade e a expressão.

**Comunicação à cidadania** para promover, através da comunicação, a cidadania ativa, como expressão da dimensão social da caridade.

O Projeto, que foi reconhecido pelo Ministério da Educação e, em novembro de 2010, foi condecorado pelo *Philippine Copyright* da Biblioteca Nacional das Filipinas, chegou ao seu quarto ano de atuação e envolveu professores leigos/as, também os estudantes e outros membros da Comunidade Educativa. Em particular, as irmãs e os professores leigos escreveram o currículo da *Media Literacy Educacion*, e Ir. Debbie cuidou de sua edição final.

### **O porquê de uma educação crítica à mídia**

A população jovem das Filipinas tem um perfil de comunicação tecnológica. O fato de falar inglês, que é uma das línguas oficiais para os filipinos, permite ter acesso fácil às Redes de comunicação, aprender a usar os aplicativos, ficar à vontade, compreender com mais rapidez as mensagens.

De fato, o País está no 15º lugar na classificação mundial por número de usuários de telefonia móvel e está entre os que têm a mais alta utilização do tráfego diário do SMS. Quanto ao número de usuários da Internet, os Filipinos estão classificados no décimo sétimo lugar, mas são os primeiros no mundo em termos de penetração no *Facebook* (como utilização por população). O que preocupa neste cenário de superexposição e sobrecarga “às” e “das” informações é a falta de filtros que ajudem sobretudo os mais jovens não só a compreenderem totalmente os conteúdos, mas a contrariarem uma dependência verdadeira dos dispositivos tecnológicos. Quem tem o dever de educar? A família, a escola, as associações, a sociedade? Ir. Debbie mostra claramente que, com este Projeto, tem-se a intenção particular de trabalhar os valores éticos que, sempre com mais frequência são subvertidos nas produções televisivas, radiofônicas, em rede: «O dever dos educadores é “ficar” ao lado enquanto se “pratica” e se “goza” da comunicação: ocorre falar, mediar e ajudar a decodificar, a decantar tudo quanto veem, escutam, leem e escrevem».

## As metas do projeto

Pedimos à Ir. Debbie alguns indicadores que digam se o objetivo de adquirir uma maior capacidade crítica foi alcançado. «O feedback que obtive foi positivo. Os jovens disseram-me que aprenderam a ler as mensagens por “dentro” e que descobriram quantos conteúdos pouco morais se escondem por trás das aparências espetaculares, excitando à violência, ao entretenimento, à ficção. Os professores observaram que os pré-adolescentes acessam em menor número, o material pornográfico e que as atitudes de violência entre os pequenos, sobretudo durante o jogo, diminuíram».

Quem desejar consultar o Projeto *Media Literacy Education* pode escrever para Debbie: [debbieponsaran@cgfma.org](mailto:debbieponsaran@cgfma.org)

[mac@cgfma.org](mailto:mac@cgfma.org), [suorpa@gmail.com](mailto:suorpa@gmail.com)

### CONTRA LUZ

Há uma reversão total à qual as novas tecnologias nos obrigam: o espaço perde a sua dimensão física e, tornando-se um não-lugar, impõe-nos ocupá-lo com uma presença diferente do simples estar; o tempo contrai-se e se acelera irremediavelmente obrigando-nos a ancorar a vida em profundidade, para não sermos arrastados a outros lugares e projetados num futuro almejado, mas jamais alcançado. As mudanças inevitáveis das coordenadas espaço-temporais da existência geram uma realidade nova, ainda longe de ser compreendida e definida e que, todavia, justamente pelo motivo de sua complexidade e ambiguidade, impele o ser humano a permanecer vigilante, presente a si mesmo, disponível a escutar e a deixar-se guiar pela própria consciência (cf CCC 1779).

A um olhar mais atento parece que a dimensão da ulterioridade, que nos caracteriza como criaturas que não têm em si mesmas o fundamento da própria existência, mas sempre remetem ao Outro que lhe deu o ser, seja paradoxalmente estimulada por aquele virtual que, enquanto muda o nosso modo de estar no mundo, nos sugere como defender-nos de sua invasão.

Um espaço e um tempo “outros”, diferentes daqueles com os quais estamos habituados, nos induzem a um olhar novo sobre a realidade, ao exercício de uma tensão para aquilo que se esconde por trás da evidência, à cultura de uma atitude investigativa que não se contenta com aquilo que se manifesta, mas que procura, para além do que é exibido, objetivos, intenções e estratégias que dificilmente emergem.

Só quem consegue projetar-se para além de toda exterioridade, pode descobrir que a Verdade veste o traje da beleza.

## **A MJM AS CONFJAS**

**Entrevista com Ir. Ausilia Chang**

# **Se é este o caminho de sua felicidade...**

**Anna Rita Cristaino**



### **«A iniciativa da vocação está em quem chama»**

Cada história vocacional traz em si traços de originalidade. O Senhor é o absoluto e verdadeiro protagonista.

Assim como na história de Ausilia Chang nascida em uma pequena aldeia da Coreia onde, agora como então, não há sequer uma igreja católica. Seus pais não conhecem o cristianismo, vivem a fé budista e a cultura confucionista.

Ausilia relata que depois do terceiro ano elementar vai morar na cidade com o pai, que se transfere para lá por motivos de trabalho. Sua mãe permanece na aldeia com os irmãos menores e com a avó, que precisa de cuidados. «Mas, depois disso a vida tomou um rumo diferente. Meu pai, naquele mesmo ano ficou doente e faleceu deixando 8 filhos. Eu sou a sexta». Tudo muda.

Para Ausilia chega o momento de escolher que escola média vai frequentar. Fica indecisa entre a escola na qual sua prima está matriculada, e a das Filhas de Maria Auxiliadora. «Foi o Senhor que me mostrou o caminho. A escola salesiana fora aberta exatamente naquele ano. Eu não sei por que motivo escolhi o colégio das FMA se na outra escola eu teria também uma bolsa de estudos o que me seria vantajoso. Penso que foi a mão de Deus que me guiou».

Depois do terceiro ano do Ensino Médio, Ausilia entra como interna no colégio. É dia 24 de maio. «Eu havia escolhido aquele dia sem saber que era uma data importante e sem haver combinado com as Irmãs. Por isso, posteriormente, quando fui batizada recebi o nome de Ausilia». Fiz a preparação para o batismo com naturalidade. A todas havia sido dada a possibilidade de inscrever-se para o catecismo. Católicas e não católicas. «Mesmo não sendo católica eu participava anualmente da competição de catecismo organizada pela escola e, várias vezes fui a vencedora, ganhando o primeiro prêmio. Mas, isso também me parecia natural».

### **A beleza da vida religiosa**

No internato não havia distinção entre aspirantes, meninas católicas e não batizadas. Vivíamos todas juntas. «Depois de algum tempo como estudante, passei a ser aspirante. A morte de meu pai, que eu amava tanto, fez-me refletir muito sobre o sentido da vida. Enquanto isso as irmãs que viviam em contato conosco, em clima de família e de alegria, faziam-me pensar na beleza da vida religiosa salesiana. Sentia-me bem, era tratada com respeito, valorizada e responsabilizada».

O caminho que leva Ausilia a pedir o Batismo e sua história vocacional, se entrelaçam. «Para o discernimento foi-me preciosa a orientação da diretora, Ir. Ancilla Gritti. Ela sabia acompanhar as meninas respeitando a etapa em que cada uma se encontrava. As irmãs assistentes, Ir. Annalisa Baratto e Ir. Mirta Mondoin em particular, foram maravilhosas ao encaminhar as meninas para a diretora, que era também diretora da comunidade religiosa e do internato».

Mas, chega o momento de comunicar à família. Para Ausilia, falar da própria escolha não foi simples. Ninguém parecia compreender suas motivações. «A única pessoa a dar-me um sinal de conforto foi minha mãe que, depois de uma pausa de silêncio me disse: "Se este é o caminho de sua felicidade, por que opor-me?". Ela não era católica, recebeu o Batismo um ano antes de

morrer. Quem senão Deus podia ter-lhe inspirado este pensamento que se tornou para mim uma força reconfortante por toda vida?».

### **A graça de excelentes formadoras**

As dificuldades, porém, não faltam. Os vizinhos, os parentes e também os professores leigos não aprovam a escolha de Ausilia e a veem melhor em outros caminhos, também pelo seu bom êxito nos estudos.

«Mas Deus sempre venceu, dando-me força. Algumas vezes eu vacilei. Havia vivido nove anos longe de minha mãe e frequentemente sentia o desejo de voltar para ela, para a minha casa. Por isso o discernimento foi uma luta, tanto é verdade que quando comecei o aspirantado disse ao Senhor: “Finalmente! Tu venceste!”».

Ter lutado para convencer o ceticismo alheio e para vencer algumas resistências suas dão segurança a Ausilia. «Estou certa de que foi o Senhor que teve a iniciativa, traçou para mim um projeto de amor e me acompanhou dia por dia. Eu tive a graça de ter formadoras muito competentes desde o aspirantado, pois a mestra das noviças, Ir. Angela Vanetti, e as diretoras que tive desde que era irmã jovem: Ir. Maria Misiano, Ir. Iride Rosso, Ir. Maria Teresa Esteban, Ir. Ida Grasso, todas elas sempre me ajudaram a buscar a vontade de Deus».

### **Um caminho traçado por Deus**

Também os irmãos de Ausilia foram compreendendo gradualmente o significado da vida religiosa. «Um estímulo particular para a minha perseverança foi-me oferecido pelos meus familiares: não só mamãe, mas também meus irmãos foram compreendendo gradualmente o que comporta a vida religiosa. Desde a minha profissão ajudaram-me a ser coerente com a minha escolha e respeitaram o que é necessário para este tipo de vida.

A distância da pátria, por exemplo, podia criar motivos de descontentamento por parte dos meus, em vez disso, eles procuraram considerá-la como exigência da vida que eu havia abraçado».

Ausilia deixa logo a sua Coreia. Passa seus anos de formação inicial em Roma. Estuda e se torna docente de didática geral e pedagogia comparada na Pontifícia Faculdade de Ciência da Educação *Auxilium*, da qual será diretora de 2004 a 2010. «Quando penso na minha vida, percebo os sinais que me fizeram percorrer o caminho traçado por Deus para mim».

*arcristaino@cgfma.org*

---

**VÍDEO** por Mariolina Parentaler

## **O conselho da aldeia** *de Ermanno Olmi – Itália 2011*

**Veneza, 6 de setembro de 2011: "Aplausos para a projeção Imprensa", assim estreiam os jornais e, citando Olmi, disparam em letras garrafais: «É preciso ajoelhar-se diante dos imigrantes e de quem sofre, é muito fácil ajoelhar-se diante de um crucifixo. Ou mudamos o significado dado à História ou a história vai nos mudar. É esta a questão». Com seus 80 anos e com o papel de mestre que lhe é inerente («Durante toda a vida fui um aprendiz»), Ermanno Olmi preferiu não aceitar o convite de participar da competição na Exposição do Cinema de Veneza, e apresenta fora do concurso o seu filme "O conselho da aldeia". Um filme que não havia planejado rodar e que nasceu do seu interior, durante os longos meses de inatividade forçada depois de uma queda. Um filme de fé, esperança e caridade. Uma visão do autor sobre os temas dos migrantes, da integração e da acolhida.**

**Em colaboração com Edison do qual Olmi na juventude foi dependente, relata a transformação real e simbólica de uma igreja abandonada. A busca de uma sacralidade renovada e a redescoberta do mais genuíno espírito Cristão. É um apólogo moral lucidíssimo, não real, mas necessário e atual. Intenso, interior, permeado de espiritualidade.**

### **A revolução de Olmi**

Diante da obra Dom Oreste Mazzi comenta: «É extraordinário: Ermanno Olmi com oitenta anos quer mudar o mundo do modo mais simples e revolucionário: com o apólogo do Conselho da Aldeia».

Um filme que tem como protagonista um velho sacerdote que, depois do fechamento da igreja da sua paróquia, ainda encontra razão para a sua fé com uma nova missão: ajudar os imigrantes clandestinos.

A película apresenta-se rica de sentido alegórico e ético desde as primeiras páginas. Pode-se evidenciar isso com uma leitura analítica para compreender como as imagens de abertura revelam logo um forte caráter emblemático.

Durante os títulos de abertura ouve-se o rumor de dois automóveis que passam. Em seguida, numa angulação adequada é apresentado o velho padre de joelhos levantando lentamente a cabeça e dizendo: «Devo ter tudo em mente como neste momento» e olha com desânimo para o alto, onde está um grande crucifixo que se destaca no meio da igreja.

Implora: «Meu Deus!» enquanto isso um barulho de aviões cria um clima de forte tensão. Improvisamente vê-se uma luz que entra naquela igreja: a porta central abre-se e um menino negro se apresenta com aparência alegre. Em seguida a criança vai-se embora, enquanto a porta lentamente se fecha fazendo voltar a semiescuridão.

O quadro neste momento movimenta-se e para sobre um vitral colorido que tem os símbolos da divindade. O início está completo e permite intuir que o autor tenciona falar de uma novidade (a criança negra) que faz entrar uma luz nova naquela igreja, aludindo claramente a um modo novo de viver a religião.

O desenrolar do relato, depois de ter mergulhado o espectador na atmosfera triste, quase mística, da Igreja que foi profanada— símbolo de uma fé vazia, que não tem mais razão de ser — passará a dizer-lhe: apenas na presença das paredes nuas, o devoto sacerdote perceberá uma sacralidade nova que jamais havia percebido antes.

O que o leva à descoberta é um punhado de imigrantes clandestinos, sobreviventes do desastre com uma carroça, que para fugir da polícia se refugiam entre aquelas quatro paredes. Só assim, finalmente livre de toda aparência enganadora, abrir-se-á “ao Outro”, ao estrangeiro, e assim fazendo redescobre a caridade mais autêntica. «Compreendi que há uma só coisa a fazer hoje — declara sem meios termos o Autor — mudar o mundo. Mas, em primeiro lugar, nós mesmos devemos mudar. Há em tudo muito desconforto, muitas diferenças, muita vergonha, muitas coisas inúteis. Todos nós temos necessidade de nos libertar dos falsos brilhos, mesmo nobres, incluindo certa cultura que não nos ajuda a favorecer a proximidade.

É muito fácil ajoelhar-se diante de um crucifixo: Cristo pagou por nós faz 2000 anos, hoje é diante dos imigrantes, dos sem teto, dos jovens perdidos no mundo da droga, dos marginalizados que é preciso ajoelhar-se. Mas, o que pode ser mais importante para nós do que a acolhida? Gostaria de dizer aos católicos, e eu sou um deles, que se lembrem com mais frequência de que são também cristãos. O verdadeiro templo é a comunidade humana. E se não abirmos nossas casas, incluindo a casa mais íntima que é a nossa alma, seremos apenas homens de papelão».

### **PARA REFLETIR**

**O tema do filme: *Uma igreja desmontada, pedaço por pedaço, sob os olhos do velho pároco, que assiste impotente à desaparecimento do Grande Crucifixo. Ela se tornará um centro de acolhida para um grupo de desesperados, «os verdadeiros ornamentos do templo de Deus».***

Lê-se nas Notas do Diretor «A narrativa não evidenciará somente o mais chamativo, e talvez óbvio, o Problema Racial, mas, sobretudo o diálogo entre religiões que, quando se libertam do compromisso de igreja como instituição rígida que divide, tornam não só possível encontrar-se e reconhecer-se, mas suscitam também partilha e solidariedade».

Se foi esta a declaração de intenções, diante da produção acabada não nos resta senão admitir uma plena coerência na passagem para a realização.

O pensamento de Olmi transparece claro, não deixa espaço para dúvidas.

Somos induzidos a avaliar "O conselho da aldeia" como uma tocante parábola humanista na qual o diretor se reafirma como um grande mestre de histórias mas sobretudo de conteúdos.

Para além dos erros de execução (alguém lamentou um estilo retórico, com imagens tão carregadas de simbolismos que pareciam irrealis), ainda uma vez ele soube lembrar-nos que o cinema é sim entretenimento, mas é também portador de uma missão moral e cívica.

**O objetivo do filme: "Não mais a igreja das cerimônias litúrgicas, dos altares dourados, mas sim a Casa de Deus onde os miseráveis e indigentes encontram refúgio e conforto". (Ermanno Olmi)**

A ideia central poder-se-ia sintetizar como indica Brugnoli: a acolhida e a defesa dos mais fracos representam a mais alta forma de justiça e de caridade e devem ser praticadas, também, opondo-se às leis injustas que tutelam o egoísmo e os privilégios de poucos, mas que não poderão deter o curso da História. Para Olmi é importante a fé, mas o que mais conta é fazer o bem. Em outras palavras: a fé sem a caridade permanece estéril. Ao autor interessa particularmente a atitude do cristão: pode uma pessoa dizer-se cristã se não vê nos pobres o rosto de Cristo? «A igreja é casa sem perguntas – diz Olmi. Se não abrires a casa real e mística para a humanidade debilitada e frustrada, não chegarás a nada. Há salvação se soubermos ajoelhar-nos diante dos migrantes mais que diante do Crucifixo. E quando o tecido político-legislativo-burocrático aparecer freado por estéreis contrastes – conclui a CVF da CEI – a voz do evangelho tem o dever de elevar-se com intensidade e força, de clamar pela necessidade de uma única família humana, de insistir para que as portas do Senhor estejam sempre abertas.

---

**ESTANTE VÍDEOS** por Mariolina Parentaler

**HAPPY FEET 2** – George Miller – Austrália 2011

«Musical formativo que exalta a diversidade e a paternidade». O título de Marzia Gandolfi é sintético, centralizando a definição desta série. O primeiro vence o Oscar em 2006. O autor ainda é Miller, australiano, produtor, roteirista e diretor de animais que pensam e agem como pessoas. Agora ele nos apresenta Erik que afirma o próprio direito de ser diferente divergindo da 'lei' do grupo ao qual pertence. Realiza este ambicioso "projeto de dança" confirmando suas predileções temáticas: a ecologia, a paternidade e a tridimensionalidade. Mais que um desenho animado é um musical exuberante, solto. Bailes e canções vão muito além da simples trilha sonora: representam a alma deles e, com os pinguins protagonistas, as paisagens deslumbrantes em 3D, constituem o verdadeiro prazer da obra. Happy Feet 2, nos remonta a 30 graus abaixo de zero, na magnífica paisagem da Antártida. Estamos mais uma vez na comunidade dos pinguins imperadores onde o filho de Mambo (o rei do tip tap), tão rebelde quanto o pai, decidirá aventurar-se sozinho pelas ásperas trilhas de gelo do polo sul. O pequeno Erik vive a própria 'pinguinidade' como um limite e quer modificá-la. «Mas, é verdade que sem asas não se pode voar? Mais adolescente que infantil, 'o menino' desobedece tenazmente. Desafia a sabedoria e as habilidades paternas para procurar em outro lugar, em um 'polichinelo' qualquer (do mar), o exemplo a ser imitado» (Revista de Cinema). A imprevisibilidade da vida, a onda anômala de um tsunami e os estragos de um terremoto farão rever Erik. Ajudá-lo-ão a redescobrir e compreender o amor, a coragem, a determinação do pai, ao ponto de se tornar seu aliado em favor do grupo. Divertido e espetacular, presta-se para ser apreciado pelos jovens e famílias que podem ser envolvidas no aprimoramento das ideias que oferece: o derretimento das geleiras, o equilíbrio ambiental, ou por algumas saídas, do tipo: "Quando as coisas vão mal, fugir não é a resposta. Faz parte da vida descobrir quem você é". Concorde com o Mambo?

## **THIS MUST BE THE PLACE – Paolo Sorrentino – Itália – França – Irlanda 2011**

*This must be the place*, ou *o segredo e a alma*, é definido pelo mesmo autor como “um romance de formação de um quinquagenário”. Um filme esplendoroso, uma literatura agradável com fina ironia, uma respiração e uma capacidade visionária únicas no panorama do cinema não só italiano, declarou repetidamente a crítica difundindo a convicção de que esta ‘primeira prova americana’ do autor, nascido e crescido em Nápoles, foi um sucesso. É um filme de estrada (a história começa na Irlanda, mas reserva a parte mais compacta aos Estados Unidos) lento, como o passo tímido do seu protagonista Cheyenne: um ex rockstar (célebre nos anos oitenta como líder do grupo musical Cheyenne & The Fellows) agora exilado voluntariamente em Dublin com a mulher. Não obstante tenha saído de cena, veste-se e se maquia como quando subia ao palco. Chegando à idade na qual não se pensa mais naquilo que se fará, mas se lida com o que foi feito, Cheyenne encontra-se desmotivado e órfão do próprio passado. Em particular, não conhece (e talvez não ame) seu pai, hebreu que escapou ao extermínio. Porém, com sua morte, herdou-lhe o segredo e a alma, ou seja, a procura do seu carníface nazista, que durou mais de cinquenta anos. Cheyenne decide prosseguir na busca e, portanto, se põe a caminho – terrível e belíssima viagem “para trás e no futuro” – atravessando a América nas pegadas incertas do velho alemão. No seu rosto desfigurado, quase monstruoso pela maquiagem, reconhece-se um sofrimento interior: a necessidade profunda de “reconciliar-se”. Reconciliar-se com a memória do pai em primeiro lugar, mas também consigo mesmo e com tudo quanto viveu “superficialmente”. Reconciliar-se enfim com a própria vida, «encontrando o modo de vivê-la para além de todo segredo obstinado e paradoxal». (R. Escobar)

---

## **ESTANTE LIVROS** por Adriana Nepi

### **O PÁTIO DOS GIRASSÓIS FALANTES – Antônia Arslam - Pime – 2011**

Como catalogar em um gênero literário este livro? Não histórias, nem esquemas, mas leves fragmentos, momentos evocativos a partir de um perfume ou um sabor do passado, personagens cuja memória ficou associada indelevelmente a uma pequena mania sua (o presunto do vovô Carlos, a provisão alimentar da vovó Virgínia, o medalhão da tia Rosina), queridos velhos usos (as favas dos mortos, o canto nostálgico dos parentes armênios no final dos almoços familiares), cômicas ingenuidades infantis. O livro não parece destinado a um público juvenil, ainda ignorantes de certas sugestões mágicas da memória. Pois, é delas, sobretudo, que se trata, salvo alguns bonitos instantâneos sobre aspectos da vida moderna, captados com humanidade vibrante. Poderia ser uma leitura agradável para os leitores adultos, com gosto refinado e particular sensibilidade.

---

### **OLIVIER CLEMENT, PROFETA DA UNIDADE – Flamínia Morandi – Paulinas 2011**

Uma mulher que conheceu pessoalmente este autor, conhecido também no mundo católico, apresenta-nos uma verdadeira biografia interior, do ateísmo à fé cristã na Igreja Ortodoxa. Um longo trabalho de busca, reconstruído sobre os numerosos escritos do protagonista. A moral leiga vigente em uma família atea não conseguia apagar as grandes perguntas que ele se punha desde criança intuindo confusamente, mas agudamente um “outro” na harmonia esplêndida da natureza. Por bem três anos bateu em todas as portas, tornando-se, pode-se dizer, um especialista em ciências religiosas, até que Cristo o conquistou e convenceu. As relações de amizade com as figuras mais representativas do mundo católico fizeram-no sentir a substancial unidade da Igreja e, juntamente com o grande Atenágoras, imprimiu um impulso decisivo à aproximação das duas Igrejas e ao caminho rumo à sua unidade visível.

---

## A TENDA AZUL – Nicolò D´Aquino – Paulinas 2011

A história de uma obra missionária é tanto mais atraente quanto maiores foram as dificuldades encontradas nos inícios. É sempre assim.

Eis a situação de partida. Uma irmã salesiana, veterana em várias experiências missionárias e agora reenviada à pátria para o ensino, à queima-roupa é chamada pela Madre Geral: "Você ainda iria para as missões?" Sem dúvida! Mas onde? "Para Adwa, na Etiópia, no Tigray": um território devastado pela guerra, pela seca e pela fome. Ir. Laura tem quase cinquenta anos, mas é um tipo corajoso, e parte. Por informações erradas e outros problemas, lá chegando precisou correr o risco de dormir ao relento. Era impossível alcançar a casa das irmãs de outra congregação, impossível pernoitar, mesmo por uma só noite, na casa dos salesianos, pois, era algo que estava perigosamente longe da mentalidade local. Puxavam para fora uma velha tenda militar e... foi a primeira noite. De manhã, no grande silêncio da belíssima aurora africana, descortinou-se ao olhar assustado da missionária uma extensão de terra árida e deserta. Era aquele o terreno, distante da cidade, no qual devia surgir a missão. Porém, para o seu consolo, logo apareceram as crianças e tudo começou, do jeito salesiano, a partir daquele primeiro encontro. Em poucos anos, com ritmo vertiginoso, que parecia milagre, floresceram escolas, cursos profissionais, assistências sanitárias. Como foi possível? Entrevistada, Ir. Laura responde: Dom Bosco disse: Tende fé em Maria Auxiliadora e vereis o que são os milagres".

---

**O LIVRO** por Adriana Nepi

## **Barbara Demick** **De mãos dadas no escuro**



A autora é uma jornalista americana, correspondente do *Los Angeles Times* em Pequim, perita conhecedora do mundo asiático, em particular da história e da atual situação sócio-política das duas Coreias.

A narrativa abre-se com uma visão panorâmica singular vista do alto. Uma foto noturna de satélite da Ásia oriental mostra um resplendor de luz: aqueles pontinhos luminosos são as estradas iluminadas, os letreiros das lojas, os cartazes publicitários, em suma, a vida que se desenvolve também à noite nas cidades industrializadas do século vinte.

Desperta atenção, no entanto, uma espécie de buraco negro, vasto como a Inglaterra: é a Coreia do Norte. O que aconteceu? Todos sabem que, depois da segunda guerra mundial, a Coreia, depois de outra guerra sanguinolenta, dividiu-se em dois Governos opostos: o Norte comunista e o Sul sob a influência americana, ambos em rápido progresso tecnológico e social. Com a queda da União Soviética, que havia fornecido a baixo custo combustível ao velho aliado comunista, a economia norte-coreana entra numa gravíssima crise. Os Estados Unidos oferecem aos norte-coreanos os suprimentos necessários desde que a Coreia do Norte abandone o seu programa de armamentos nucleares. Vindo a falhar no tratado, a Coreia do Norte vê dissolver-se a prosperidade de que já desfrutava e se bloquearem todas as atividades industriais para as quais falta o necessário material energético. Chega-se a não poder mais iluminar nem mesmo as ruas e as casas.

A esta altura, em meio a tanta miséria insere-se a história ingenuamente romântica de dois jovens, quase dois adolescentes, que encontram como viver, protegidos pela escuridão, uma

límpida e secreta história de amor. Pertencem a famílias com forte desigualdade social (incongruência de um regime que se proclama inspirado na ideia de igualdade!) e a escuridão da noite os torna por assim dizer invisíveis. Enquanto todos dormem, eles fazem longos passeios de mãos dadas, felizes por estarem juntos.

### **Personagens reais e emblemáticos**

Avançando na leitura, percebe-se que não se trata de um recurso literário para animar uma história de per si tão triste. Após vários anos a jornalista os entrevistará, juntamente com muitos outros foragidos do inferno norte-coreano, e não terá o final feliz que somente os romances nos podem dar. Eles, juntamente com a senhora Song, são personagens reais e ao mesmo tempo, emblemáticas de uma situação que o leitor tem dificuldade para acreditar, de tão inacreditável. Os jovens, capturados como todos nas redes de uma persuasão oculta da qual é quase impossível escapar, serão em seguida os mais disponíveis ao duvidoso, à rebelião, à audácia. A senhora Song, fiel às decisões governamentais como a um código sagrado e inviolável, será a mais refratária para abrir os olhos: venera como uma presença divina o ditador e, com religiosa devoção, tira o pó diariamente da grande foto que dele tem, em casa. É o famigerado culto da personalidade, que se teve, por exemplo, no tempo do fascismo e do estalinismo, levado, porém, a um grau que seria apenas grotesco se no final não tivesse degenerado em tragédia.

### **Cenas de histerismo coletivo**

Constata-se neste livro a que força perversa de sugestão pode chegar uma ditadura. A mentira torna-se a verdade oficial, os eslogans obsessivamente repetidos são os novos valores, o ditador, como se dizia um tempo do Chefe fascista, "ele sempre tem razão". Na escola as crianças aprendem a odiar os inimigos japoneses, os bastardos americanos, em cujas atrocidades aprendem a acreditar. O isolamento político e cultural ao qual se encontra reduzido todo um povo, facilita o que comumente chamamos de lavagem cerebral. O Grande Líder é o pai, o benfeitor, o mestre. Quando foi dada a notícia da morte daquele que, acreditavam, nunca deveria morrer, foram vistas cenas de histerismo coletivo: os pequenos, vendo os adultos, choravam por imitação, como fazem frequentemente as crianças, os grandes choravam, mas sabiam que eram vistos e que era preciso chorar. É, todavia, duvidoso que as lágrimas de muitos fossem sinceras; certamente as da senhora Song, eram. Com o desaparecimento do ditador não houve mudança alguma no velho regime, porque o filho dele já estava preparado para a sucessão.

Como foi possível, perguntamo-nos, usar a tal ponto a consciência de todo um povo? "A verdade vos libertará" lemos no Evangelho. Sim, a verdade tem em si uma força libertadora. A mentira, especialmente se erigida em um sistema, trai o homem, degrada-o, torna-o escravo. A falta de liberdade às vezes incapacita para apreciar a liberdade. A constatação de que foram os inauditos sofrimentos causados por uma terrível carestia, fruto de um mau governo, que provocaram as primeiras rachaduras na cega fé ideológica, faz pensar. Para não morrer de fome, faz-se qualquer coisa, e a fome torna possível uma fuga antes considerada impossível.

Encontramos os protagonistas do evento, assim como muitos outros personagens menores, na última parte do livro, como refugiados que ultrapassaram as fronteiras através de viagens extremamente arriscadas, com uma reencontrada dignidade, mas também marcados pela terrível experiência sofrida. Os dois jovens já adultos não puderam ficar juntos e percorreram caminhos diferentes, saudosos do tempo em que, de mãos dadas, passeavam no escuro.

Quanto à senhora Song, também ela pôde expatriar-se, finalmente abriu os olhos, chora por tanto tempo perdido e tem um grande desejo de desfrutar as honestas satisfações de uma sociedade livre.



FIGLIE DI MARIA  
AUSILIATRICE

140°

1872 2012



## **ENTREMOS NAS PONTAS DOS PÉS NA CASA NATIVA...**

*Aqui Maria Domingas percebe-se acolhida e amada por Deus,  
aprende a viver em atitude de abertura e de dom,  
de amor exigente e de fé.*

*Aqui amadurece aquele típico ambiente de família que se respira  
nas casas das FMA, onde a vida é ritmada pela presença  
do Senhor, de modo que cada casa é "Casa do amor de Deus".*

**Há saudades de casa nas nossas comunidades,  
saudades de uma vida de família  
guiada pelo espírito mornesino  
onde os ritmos diferentes das pessoas  
com seus limites são reconhecidos, acolhidos  
e ajudados a evoluir.**

**Diga-nos Maria Domingas, como fazer  
para que o fato de ser casa do amor de Deus  
não seja apenas uma lembrança nostálgica  
ou um cartaz pendurado nas paredes,  
mas impregne os rostos, as relações,  
o coração das pessoas e se torne mensagem  
que se irradie em círculos concêntricos?**



**Da mensagem da Madre  
por ocasião da abertura do ano 140º  
de fundação do Instituto**

# Palavras

ACREDITO  
QUE SORRIR  
SEJA O  
VERDADEIRO  
SINAL DA  
LIBERDADE

RENÉ CLAIRE

